

AQUELE QUE NÃO DEVE SER NOMEADO: UM ENUNCIADO DESTACADO

Pollyanna Zati Ferreira

Universidade Federal de Uberlândia
pollyanna.zt@gmail.com

RESUMO: Maingueneau (2008), no livro *Cenas de Enunciação*, constata que circula na sociedade um grande número de enunciados curtos, designados por ele de fórmulas, que, por estarem presentes no interior de uma organização pregnante, são facilmente memorizados. O autor ressalta ainda que algumas dessas fórmulas são faladas e conhecidas em vários setores do espaço social; outras, por sua vez, podem circular no interior de uma comunidade restrita. De acordo com Maingueneau, a maior parte das fórmulas corresponde a enunciados que, devido a suas propriedades linguísticas, apresentavam-se como destacáveis em seu texto de origem. A princípio, o autor chamará de *sobreasseveração* a essa possibilidade de destextualização, de uma saída do texto. Mas, ao perceber que enunciados destacados e enunciados sobreasseverados possuem um status pragmático distinto, Maingueneau (2010), em seu texto *Aforização – Enunciados sem texto?*, propõe que os primeiros decorrem de um regime de enunciação específico, o qual ele chamará de *enunciação aforizante*. Com base nesse referencial teórico é que nos propomos a analisar a expressão *Aquele que não deve ser nomeado*, que circula atualmente na mídia como forma de, privilegiadamente, substituir o nome do bruxo Voldemort, o vilão da saga Harry Potter, escrito por J. K. Rowling. A substituição acontece pelo fato de o nome referir-se a um bruxo que causa medo em todos os outros bruxos. No caso específico do nosso objeto de análise, verificamos que a expressão *Aquele que não deve ser nomeado* circula na mídia vinculada, preferencialmente, a textos polêmicos. Nessa perspectiva, nossa hipótese é que tal expressão circula como um aforisma, por se colocar como parte de uma repetição constitutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Aquele que não deve ser nomeado; Maingueneau, aforização, percurso.

1. Introdução

Maingueneau (2008), no livro *Cenas da Enunciação*, constata que circula na sociedade um grande número de enunciados curtos, designado por ele também de fórmulas, que por estarem presentes no interior de uma organização pregnante, são facilmente memorizados. O autor ressalta ainda que algumas dessas fórmulas são faladas e conhecidas em vários setores do espaço social e outras podem circular no interior de uma comunidade restrita.

Enunciados curtos, assim como quaisquer outros, são destacados de textos. No entanto, de acordo com Maingueneau (2008), esse trabalho de destaque não se aplica a

qualquer material verbal; a maior parte das fórmulas corresponde a enunciados que, devido a suas propriedades lingüísticas, apresentavam-se como destacáveis em seu texto de origem.

A princípio, o autor chamará de *sobreasseveração* a essa possibilidade de uma saída do texto, de uma destextualização. Mas, ao perceber que enunciados destacados e enunciados sobreasseverados possuem um status pragmático distinto, Maingueneau (2010) proporá que os primeiros decorrem de um regime de enunciação específico, o qual ele chamará de *enunciação aforizante*.

Com base nesses conceitos teóricos é que nos propomos a analisar o enunciado *Aquele que não deve ser nomeado*, expressão que apareceu diversas vezes na famosa saga Harry Potter, de J. K. Rowling, e que passou a circular na mídia como enunciado destacado.

2. Aquele que não deve ser nomeado: análise

Na saga Harry Potter, escrita por J. K. Rowling, a expressão *Aquele que não deve ser nomeado* aparece para substituir o nome do bruxo Voldemort, o vilão da história:

“Olha, havia um bruxo que virou... mau. Tão mau quanto alguém pode virar. Pior. Pior do que o pior. O nome dele era... Hagrid engoliu em seco, mas não conseguiu dizer nada.
- E se você escrevesse? – sugeriu Harry.
- Não, não sei soletrar o nome dele. Está bem, Voldemort. – Hagrid estremeceu. – Não me faça repetir. Em todo o caso, esse... esse bruxo, faz uns vinte anos agora, começou a procurar seguidores. E conseguiu, alguns por medo, outros porque queriam ter um pouco do poder dele, sim, porque ele estava ficando poderoso. Dias funestos, Harry, ninguém sabia em quem confiar, ninguém se atrevia a ficar amigo de bruxas ou bruxos desconhecidos... Coisas horríveis aconteciam. Ele estava tomando o poder. É claro que algumas pessoas se opuseram a ele, e ele as matou. Terrível. Um dos únicos lugares seguros que restaram foi Hogwarts. Acho que Dumbledore era o único de que *Aquele que não deve ser nomeado* tinha medo.”

Percebemos, pelo trecho acima, que a substituição do nome Voldemort pelo sintagma *Aquele que não deve ser nomeado* ocorre pelo fato de o nome referir-se a um bruxo que causa medo em todos os outros bruxos. J. K. Rowling não é a primeira a criar uma estratégia para fugir de um nome temido. Há na tradição ocidental, uma crença de que dizer o nome do *diabo*, título mais comum atribuído à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã, é o mesmo que invocá-lo. Devido a isso, há um grande número de

expressões criadas, por exemplo, por escritores para substituir esse nome. Uma das mais conhecidas é O encardido, utilizada geralmente pelos cristãos. Na literatura brasileira, encontramos também diferentes nomes para o diabo. Em *Auto da compadecida*, livro de Ariano Suassuna, ele é chamado de O Encourado. Em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, a sua figura vem apresentada com variados nomes: o Tal, o Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Coisa Ruim, entre outros. Essas diferentes expressões, com o passar do tempo, passaram a ser associadas também a pessoas que possuem atitudes parecidas com a do diabo, ou seja, a pessoas consideradas ruins.

Quando pesquisado na web, *Aquele que não deve ser nomeado* aponta, em sua maioria, para o personagem Voldemort. No entanto, quando se amplia a pesquisa, observamos que essa expressão é utilizada também para referir-se a pessoas que fizeram algo de ruim.

Mas Aquele que não deve ser nomeado, não apenas se chama Marco Feliciano, como assumiu a Presidência de uma comissão destinada a representar minorias. Minorias essa que ele publicamente já desprezou. ([HTTP://andresobreiro.com.br](http://andresobreiro.com.br), consultado em 05/11/2013).

- e ae Vitor? Passou mal com Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado?
 - hahahahahahahahaha
 - Todo mundo vai ficar curioso!!
 - Mas, sinceramente, acho que Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado me fez mó mal...
 (<http://www.orkut.com>, consultado em 05/11/2013).

Verificamos também que a expressão *Aquele que não deve ser nomeado* aparece como título de textos polêmicos.

Corinthians X aquele-time-que-não-deve-ser-nomeado
 (<http://www.donasdabola.com.br>, consultado em 05/11/2013)

“Aquele que não deve ser nomeado”
 (<http://lulupiscas.blogspot.com.br>, consultado em 05/11/2013)

M. Night Shyamalan: He Who Must Not Be Named
 (<http://www.motherjones.com>, consultado em 05/11/2013)

Aquele que não deve ser nomeado é um enunciado que sofreu um destaque, passando a ser utilizado em diferentes condições de produção, o que indica, segundo hipótese de Maingueneau (2008), que ele obedecia a um regime aforizante.

3. **Aquele que não deve ser nomeado: um percurso**

Por circular em diferentes condições de produção, parece-nos que o enunciado *Aquele que não deve ser nomeado* também pode ser analisado a partir da noção de percurso, tal como concebida por Dominique Maingueneau.

O autor, no livro *Cenas da Enunciação* (2008), distingue dois tipos de unidades de análise para a Análise do Discurso, a saber: as unidades tópicas e as não-tópicas.

As unidades tópicas possuem essa denominação por corresponderem, de acordo com Maingueneau, a espaços já “pré-delineados”, seja pelos tipos de discurso, seja pelos gêneros do discurso, seja pelos registros linguísticos, funcionais ou comunicacionais. As unidades não-tópicas, por sua vez, se diferenciam das tópicas por serem construídas pelos pesquisadores, independentemente de fronteiras preestabelecidas. Fazem parte das unidades não-tópicas as formações discursivas e os percursos.

Para exemplificar as primeiras, o autor cita unidades como os discursos racista, colonial e patronal, que correspondem a *corpora* que podem conter um conjunto aberto de tipos de discurso (o político, o religioso, o pedagógico, etc.); um conjunto aberto de gêneros do discurso (manifestos; sermões; aulas, por exemplo); de campos e de aparelhos, de registros, etc. Tais unidades podem também misturar *corpora* de arquivos e *corpora* construídos pela pesquisa (sob a forma de testes, entrevistas, questionários). É, pois, para esse tipo de unidade (como os discursos supracitados), sob a qual se abrigam elementos de diversas naturezas e dimensões, que o termo ‘formação discursiva’ parece convir para o autor.

Sobre percurso, Maingueneau (2008, p.23) afirma que trabalhar a partir dessa unidade de análise implica

o estabelecimento em rede de unidades de diversas ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos de textos) extraídas do interdiscurso, sem procurar construir espaços de coerência, constituir totalidades. O pesquisador pretende, ao contrário, desestruturar as unidades instituídas, definindo percursos não esperados: a interpretação apóia-se, assim, sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso. Tais percursos são, hoje em dia, consideravelmente facilitados pela existência de programas de informática que permitem tratar *corpora* muito vastos.

Possenti (2013, p.3), em seu texto *Um percurso: o caso “Por qué no te callas?”*, detalha a teoria ao dizer que

não se trata de dizer que o enunciado não “pertença” a uma FD ou a um posicionamento. O que ocorre é que pode ser retomado

em várias FDs ou em vários posicionamentos, estabelecendo a cada vez novas relações com os enunciados típicos dessas FDs ou desses posicionamentos, produzindo, portanto, efeitos de sentido específicos, conforme a rede discursiva ou interdiscursiva que se estabelece a cada enunciação.

Nessa perspectiva, o trabalho com percursos tem o objetivo de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa.

Neste trabalho, buscarei demonstrar a produtividade do conceito de percurso, a partir da consideração da circulação do enunciado *Aquele que não deve ser nomeado*.

Como já dissemos, na obra Harry Potter, a expressão *Aquele que não deve ser nomeado* refere-se ao personagem vilão da história, Voldemort. Nos sites e blogs relacionados a esta obra, a expressão é utilizada também referindo-se a esse personagem. No entanto, devido ao grande sucesso da obra, este enunciado passou a ser utilizado em diferentes condições de produção. Circula, por exemplo, em diversos blogs e redes sociais que não possuem relação nenhuma com a obra de J. K., e é utilizado, geralmente, para referir-se a pessoas, grupos, comunidades ou instituições que fizeram “algo de ruim”.

No trecho abaixo, por exemplo, a expressão é utilizada para referir-se ao time de futebol de São Paulo:

Corinthians X aquele-time-que-não-deve-ser-nomeado

EM 24/03/2012, por Rô Siqueira

Digam o que for, falem da importância da Libertadores, da nova rivalidade entre Corinthians e São Paulo, de apito amigo ou qualquer coisa. Derby paulista é outra história, amigo. Vale muito, valeria fosse, até mesmo, um amistoso! (<http://www.donasdabola.com.br>, consultado em 05/11/2013)

Nesse caso, o uso da expressão materializa a “rixa” que há entre os torcedores do time de São Paulo e os torcedores do time do Corinthians. Considerando esse fato, é mais do que normal a utilização de uma expressão com fins maldosos, o que causa também um efeito de humor.

A expressão aparece também, por exemplo, em um texto de opinião que aborda a temática principal da corrupção dos nossos representantes brasileiros na política:

“Aquele que não deve ser nomeado”

Que preguiça que estou de ir para a escola classe, enfrentar a fila e eleger mais dos mesmos somente para que outros ainda piores não usurpem o que resta da nossa alegria. Não, pior: o

Horror, o Horror! Ver a possibilidade de retorno do exterminador do futuro da cidade: Joaquim Roriz. Só de escrever esse nome sinto repulsa. Uma dor no estômago aguda me acomete. Deve ser sintoma de estresse pós-traumático. Quem não se lembra da apuração angustiante em que Cristovam foi derrotado? Um dos dias mais tristes da história da capital.

(<http://lulupisces.blogspot.com.br>, consultado em 05/11/2013)

A jornalista utiliza a expressão *Aquele que não deve ser nomeado* para referir-se ao político brasileiro Joaquim Roriz, governador do Distrito Federal por quatro mandatos, e eleito senador em outubro de 2006, cargo ao qual renunciou em julho de 2007, após sofrer acusações de corrupção. Novamente, percebemos a expressão sendo utilizada para nomear uma pessoa que causou, na opinião da jornalista, mal a outras pessoas.

4. He Who Must Not Be Named: análise

Ao procurar a expressão *Aquele que não deve ser nomeado* em sua versão original, ou seja, em inglês, percebemos que ela é utilizada também em diferentes condições de produção. No trecho abaixo, por exemplo, a expressão *He Who Must Not Be Named* é utilizada para referir-se ao produtor de filmes M. Night Shyamalan.

M. Night Shyamalan: He Who Must Not Be Named

If you're surprised to hear that M. Night Shyamalan has a new movie out this week and wonder why you hadn't heard about his return to the director's chair, it's because that was precisely the idea. His new film *After Earth* (released on Friday) is a soul-smushingly boring sci-fi flick about a monster-infested future Earth that stars Will and Jaden Smith. (<http://www.motherjones.com>, consultado em 05/11/2013)¹

Ao ler o texto, percebemos que a expressão não é utilizada apenas para referir-se a uma pessoa que fez algo de ruim, neste caso, filmes ruins. Ela é utilizada também porque o projeto de marketing desse novo filme fez um grande esforço para minimizar o papel do cineasta Shyamalan, ou seja, para não nomeá-lo.

¹ “M. Night Shyamalan: Aquele Que Não Deve Ser Nomeado

Se você está surpreso em saber que M. Night Shyamalan estreou um novo filme esta semana e se pergunta por que você não tinha ouvido falar sobre seu retorno à cadeira do diretor, é porque essa era justamente a idéia. Seu novo filme *After Earth* (lançado na sexta-feira) é um tedioso filme de ficção científica sobre um futuro em que a terra está infestada de monstros, estrelado por Will e Jaden Smith.”

“While Shyamalan's name is the first to pop up in the credits at the conclusion of the Sony Pictures film, it's been notably missing from trailers, TV commercials and marketing signage—a stark contrast to his previous films like *Unbreakable* and *Lady in the Water*, which were prominently billed as being "from writer-director M. Night Shyamalan."(http://www.motherjones.com, consultado em 05/11/2013)²

Outro exemplo desse uso pode ser verificado na figura abaixo, a qual mostra essa expressão sendo utilizada para referir-se, de maneira negativa, a um jogador profissional de beisebol norte-americano, Gabe Kapler, que, de acordo com o texto, espalhou várias fotos divulgando seu corpo musculoso.

Figura 1: Exemplo da utilização da expressão He Who Must Not Be Named

Photo: He Who Must Not Be Named

By Jim Suzinski  @outsports on Jun 21 2009, 10:26p 

In the early days of Outsports we had a clunky discussion board where every reply started a new thread. At the time, baseball player Gabe Kapler had done several photo spreads displaying his **muscular body**, and posters would flood the board with numerous Kapler threads; so many, that even mentioning Kapler became a no-no, and he became known as He Who Must Not Be Named. Hence, this e-mail that came to us Sunday from Derek:

The man not to be named is still hot to look at - took this picture this past Wednesday in Denver:



Fonte: printscreen da página do site Outsports.com³

² "Embora o nome de Shyamalané o primeiro a aparecer nos créditos na conclusão do filme da Sony Pictures, é notável sua ausência nos trailers, comerciais de TV e marketing, um contraste gritante com seus filmes anteriores, como *Unbreakable* e *Lady in the Water*, que foram proeminente anunciados como sendo "do roteirista e diretor M. Night Shyamalan."

³ “Foto: Aquele que não deve ser nomeado

Sabemos que, no esporte, um atleta não é bem visto quando expõe seu corpo. Assim, novamente, *He Who Must Not Be Named* é utilizado para referir-se a uma pessoa que fez algo considerado inadequado, “ruim”.

Ao ampliarmos um pouco mais a busca por essa expressão, encontramos também a expressão *He Who Must Not Be Named* materializando uma polêmica.

Figura 2: Exemplo da utilização da expressão materializando uma polêmica



Fonte: printscreen da página do site roverarts.com⁴

Nos primeiros dias de Outsports, tivemos um fórum de discussão desajeitado onde cada resposta começou uma nova discussão. Na época, o jogador de beisebol Gabe Kapler tinha feito várias fotos espalhadas exibindo seu corpo musculoso, e cartazes inundaram o quadro com inúmeros tópicos sobre Kapler; tantos, que mencionar Kaplertornou-se um “no-no”, e ele se tornou conhecido como Aquele que não pode ser nomeado. Por isso, este e-mail que chegou até nós domingo, de Derek:

O homem que não deve ser nomeado ainda é quente para olhar - tirei essa foto nesta quarta-feira passada em Denver:”

⁴“Aquele que deve (não) Ser Nomeado

The ugly canadian: Política Externa de Stephen Harper, por Yves Engler.

Política externa tende a chamar pouca atenção em momentos-chave - como durante as campanhas eleitorais -, apesar de ter um efeito profundo em nós de maneira que não são sequer conscientes. Eu percebi isto por meio do escritor e ativista político Yves Engler, de Montreal, que ganhou uma reputação como um investigador intrépido. *The Ugly canadian* não poderia ter vindo em melhor hora. Stephen Harper deve ser punido por manchar a reputação internacional do Canadá.”

Na figura acima, há uma crítica sobre o livro *The uglycanadian*, obra que causou polêmica no Canadá. Utilizar a expressão *He Who Must Not Be Named* é uma maneira encontrada pelo crítico de materializar essa polêmica: afirmar que o autor do livro fez um bom trabalho ao apresentar as fraudes de um político, merecendo, por isso, ser nomeado; mas ressaltar que o livro trará “inimigos” a Yves Engler, sendo melhor não “chamar atenção” para o seu nome, não nomeá-lo. Além disso, o crítico apresenta pontos positivos e negativos da obra, e o título parece ser também uma tentativa de deixar clara essa opinião, sugerindo que, em alguns momentos, o livro é consistente, mas em outros não.

5. Considerações Finais

Olhar o enunciado a partir da perspectiva de percurso de Maingueneau (2008) permite perceber efeitos de sentido que decorrem da circulação do enunciado em diferentes condições de produção. Aquele que não deve ser nomeado, tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa, pode causar um efeito de humor, materializar uma polêmica, ser utilizado em uma crítica à política brasileira ou a um produtor de filmes, e para muitos outros efeitos de sentido. Assim, o intuito desse trabalho foi mostrar a produtividade do conceito de percurso para a análise de circulação dos discursos.

Referências:

MAINGUENEAU, D. (2008). Unidades tópicas e não tópicas. In: *Cenas da Enunciação*, São Paulo, Parábola Editorial, pp.11-26.

POSSENTI, Sírio. “Um percurso: o caso ‘por qué no te callas?’” in: *Revista Latinoamericana de Estudios Del Discurso*, 8 (2). Caracas, Aled. PP.109 – 117. ISSN 1317 – 7389